

Stadium

N.º 303

22 de Setembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto AMADEU FERRARI

5 jogadores algarvios estão interessados no lance, intervindo directamente Loulé, num belo salto e Abraão, desembaraçando-se de um homem do Benfica



UM MUNDO DE ASPIRAÇÕES

no primeiro dia da corrida para o título...

Crónica de TAVARES DA SILVA

POIS bem! Principiou a função oficial, mais cedo que nos outros anos, como se sabe, visto ter-se dado a superpressão pura e simples dos torneios regionais...

O público, adepto incondicional do jogo, nem deu por nada. Sabe que os seus grupos mais representativos estão já a disputar um Campeonato de bela categoria — e ele af vai direito aos campos, entusiasmado, disposto a acompanhar os seus ídolos e a bater-se também.

A prova, oxalá, deve ter principiado sob bons auspícios. Os clubes jogaram com empenho e cuidado, e os menos fortes (haverá "menos fortes?") também não deixaram os seus créditos por mãos alheias.

Alguns exemplos:
— as dificuldades do Belenenses em Vila Real de Santo António;
— a expressiva vitória do estreante Sporting da Covilhã contra o Boavista;

— a vitória do Sporting de Braga em Setúbal;
— a oposição do Olhanense ao Benfica, no Campo Grande;

— a derrota aplicada pelo Vitória de Guimarães ao Estoril Praia;
— e a resistência do Elvas ao F. C. do Porto...

Logo na primeira jornada, isto é promessa de que o campeonato nacional, como prova de «caixa alta», agrada mais uma vez. É certo que todas as equipas, sem os habituais jogos do «regional», não denunciaram forma apurada. Que talvez só muito tarde se veja futebol puro. Mas o valor do campeonato salva tudo.

A ver vamos...
Entretanto, apontem-se os resultados da 1.ª jornada.

Sp. Covilhã . . . 4 — Boavista . . . 0
Atlético . . . 0 — Sporting . . . 3
Vitória (G.) . . 4 — Estoril . . . 1
F. C. Porto . . . 3 — Elvas . . . 1
Vitória (S.) . . 1 — S. Braga . . . 2
Benfica . . . 1 — Olhanense . . 0
Lusitano . . . 1 — Belenenses . . 1

Pelo mapa que noutra lugar publicamos se verá a posição dos clubes nos primeiros 90 minutos do grande torneio.

DEVERÁ surpreender a entrada vertiginosa do Sporting da Covilhã, esmagando o Boavista, já considerado, por 4-0? A nós, avisados sobre alguns resultados da bola, achamos natural o valioso triunfo. Porque a forte vontade dos novos «leões», com muito desejo de lutar contra os grandes, como já aconteceu ao Sporting de Braga e Lusitano de Vila Real, deveria dar os seus frutos logo na primeira demonstração de competência, não pode deixar de aceitar-se o êxito sem reservas.

Sente-se, por esta demonstração, que todos os grupos da 1.ª Divisão devem merecer respeito, e que todos são capazes de ganhar ou, pelo menos, de surpreender pela força do

jogo e do resultado. Não há adversários fáceis,

Claro que o Boavista, como atenuante, apresenta a desculpa de não alinhar completo. Hoje por hoje, é preciso não esquecer uma coisa importante: os concorrentes a um torneio desta ordem, precisam de ter mais de onze bons jogadores.

Neste jogo da Covilhã, que encheu de contentamento todos os adeptos locais, alinharam os grupos da seguinte maneira:

Covilhã — António José; Roqui e Leopoldo; Fonseca da Silva, Costa e Fialho; Livramento, Teixeira da Silva, Carlos Fereira, Tomé e Noronha.

Boavista — Mota; A. Calado e José Caído; Garcia, Pereira e Chaves; Luzia, Alcino, Passos, F. Caído e Barros.

CONTINUANDO na esteira dos resultados que «talvez» se não aguardassem, antes do desafio, fixamos a nossa atenção no jogo Vitória de Setúbal-Sporting de Braga. Os rapazes do Minho arrancaram um excelente resultado no Campo dos Arcos, e todos nós sabemos que não é fácil submeter os setubalenses no seu terreno.

Indica-nos o resultado que o Sporting de Braga entrou em boa forma no campeonato? Ou que os vitorianos, mal preparados, não souberam garantir os dois pontos preciosos?

Seja o que for, aceite-se como certa a prova desta capacidade bracaraense. A sua vitória não foi contestada pelos próprios vencidos, e quando assim sucede, também a crítica se deve mostrar lisonjeira e contente,

As equipas:

Braga — Cesário; Palmeira e Sobral; Faria, Daniel e Albuquerque; Diamantino, Eloy, Alvaro Pereira, Maciel e Frederico.

Vitória — Carvalho; Primo e Bêrrão; Figueiredo, Pina e Jacinto; Campos, Rendas, Vasco, Cardoso Pereira e Albuquerque.

TAMBEM um outro grupo minhoto conseguiu honras de belo triunfador: — o Vitória de Guimarães. Bem se sabe que jogou no seu campo. Mas não pode igualmente esquecer-se que jogou contra o Estoril Praia, um dos mais bem classificados da época finda. Ora, 4-1 a favor dos campeões minhotos, ponderados os valores em luta, merece realce. E o tento de honra estorilista apareceu ainda quando os vimaranenses venciam folgadoamente por 4-0.

A estreia dos montijenses Custódio e Jorge foi recebida com muita satisfação pelos adeptos de Guimarães. Os rapazes, pelos vistos, levaram ao Vitória bom reforço.

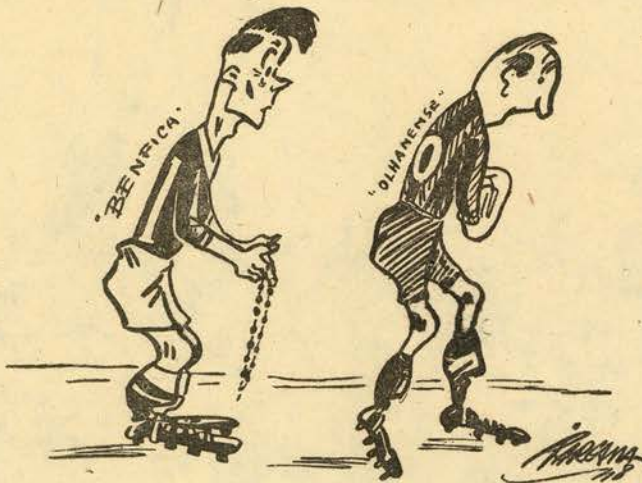
Eis como se apresentaram os grupos:

Vitória — Machado; Ferreira e Costa; Armando, Curado e Jorge; Franquelim, Miguel, Brioso, Custódio e Teixeira.

Estoril — Laranjeira; Oliveira e Alberto; Cassiano, Eloy e Nunes; Lourenço, Rodrigues, Mota, Vieira e Raul Silva.

PASSEMOS para os resultados escassos: primeiro o de Vila Real de Santo António. Os «lusitanos» principiam como na época finda, metendo o prego a fundo, não deixando ao

A "graça" da semana



— Supõe-se que o Benfica tenha esta época um «Rosário» cheio... de contas!

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1
Telefone: 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, UNITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Belenenses mais do que um ponto. No ano passado, o Estoril Praia também não submeteu os segundos algarvios. E ao Belenenses, afinal, aconteceu o mesmo.

A eleição do Lusitano, como se vê, aparece-nos no mesmo nível daquela outra lição do Sporting da Covilhã, do Sporting de Braga e do Vitória de Guimarães.

O Belenenses, diga-se, parece que ainda não acertou o passo, sem lhe exigirmos boa forma. Nenhum grupo português, no actual momento, deve estar preparado. Mas ao grupo de Belem falta ainda mais qualquer coisa. As vezes, um simples grão de areia pode mover a máquina, e nessa esperança se vive com certeza.

Esperemos que o futuro fale de si. Ainda é cedo para julgamentos, tanto mais que este campeonato principiou em Setembro e em dias de escaldante temperatura.

Alinharam:
Lusitano — Isaurindo; David e Caldeira; Mortágua, Madeira e Lopes; Almeida, Calvino, Helder, Germano e Angelino.

Belenenses — Sérgio; Figueiredo e Feliciano; Rebelo, David e Seafim; Matos, Nunes, Vicente, Pinto de Almeida e Narciso.

QUE no Campo Grande teve outras dificuldades o Benfica mostra-o o resultado.

O Olhanense esteve firme nos lances da defesa, principalmente durante todo o segundo tempo, e os encarnados tiveram de contentar-se com o golo conquistado por Júlio na primeira meia hora da partida.

É pouco para o Benfica?
Mas se o afirmassemos seria desfazer na categoria dos campeões do Algarve, que também sabem de seu ofício e não temem adversários.

O Benfica ganhou bem o jogo. A equipa, quase a mesma da época finda, não jogou primorosamente, mas poderá contar-se com ela se o ataque, onde há elementos hábeis, se dispuser a jogar para a baliza, correspondendo à decisão da defesa.

Os grupos:
Benfica — Machado; Mário Reis e Fernandes; Jacinto, Moreira e F. Ferreira; Rogério, Arsénio, Júlio, Melão e Rosário.

Olhanense — Abraão; Rodrigues e Eminência; Eusébio, Graziña e Loulé; Soares, Joaquim Paulo, Poêira, Salvador e Carmo.

DE vinte em poupa? Talvez se pense assim ao apreciar o 3-0 da Tapadinha. Na verdade, o Sporting voltou para o novo campeonato com a sua considerada fama e não menos considerada equipa. Os alcantarenses, porém, resistiram à pressão leonina

Os mais famosos grupos do futebol português

Uma nova publicação de «Stadium»

DURANTE vinte e sete anos de actividade internacional o futebol português tem conhecido sorte varia, mas nos seus arquivos encontram-se registadas algumas proezas notaveis, daquelas que é sempre agradável recordar e cujos autores ficaram pela fama presentes no espirito popular, ídolos que novos ídolos não conseguiram destronar por completo.

É dentro d'esta ordem de ideias que «Stadium» resolveu recommençar novo ciclo de tricolorias em separata, brinde tão apreciado pelos nossos leitores, reproduzindo desta vez os grupos nacionais de futebol que em tempos passados se assinalaram pelos seus resultados de especial significação.

Fazer reviver os seus componentes, evocar a sua acção, enquadrando-a nas condições da época para melhor lhe realçar o merecimento, tais são os propósitos de «Stadium» com este novo empreendimento, cuja primeira folha virá incluída já NO NOSSO PRÓXIMO NÚMERO e representará a primeira selecção portuguesa, que defrontou em Madrid, no dia 13 de Dezembro de 1921, o grupo representativo da Espanha, aurorelado de tradições gloriosas, vindas da sua acção no Torneo Olímpico de Antuésia.

Foi este o nosso diffítil baptismo de fogo, onde, embora battidos por 3-1, os jogadores lusitanos firmaram personalidade e abriram as portas para um longo caminho que, outros, depois, percorreram vitoriosos.

No próximo número dia 29 de Setembro

publicamos já a Separata a cores da Selecção Nacional de 1921 que se bateu contra a Espanha no 1.º desafio Internacional dos portugueses

Aos nossos Agentes e compradores recomendamos que façam desde já os seus pedidos à Administração da «Stadium» Rua da Rosa, 252

com certa galhardia e chegaram a um andamento embaraçoso para a defesa dos vencedores.

Ao Sporting faltou Vasques no ataque e talvez a ausência tenha contribuído para diminuir o poder ofensivo da equipa. Armando Ferreira, ainda um poço de saber, teve no entanto um passe soberano para Jesus Correia, e este não se fez rogado: marcou o gol mais bonito da tarde. O desafio ficou valorizado. E o ataque leonino fez acreditar mais uma vez na sua eficiência.

Os grupos:
Atlético — Correia; Rosário e Baptista; Abreu, Armando Carneiro e José Lopes; Martinho, Demétrio, Ben David, Armando e Caninhas.
Sporting — Azevedo; Passos e M. Marques; Canário, Veríssimo e Juvenal; Jesus Correia, Armando Ferreira, Peyroteo, Travaços e Albano.

DIZ a crítica assistente que o Porto jogou mal contra o Elvas. E que esta equipa se comportou bem na defesa. De qualquer dos modos, o jogo valeu 3-1, sem margem para dúvidas. O valor elvenses aparecerá ao de cima, naturalmente, noutros jogos que o esperam. Só depois disso se pode ver até que ponto foi boa ou má a actualiação, ou o resultado obtido pelo F. C. P., que não pôde contar ainda (parece-nos) com o seu melhor quadro.

Els como alinharam os grupos:
Porto — Barrigana; Virágio e Alfredo; Joaquim, Romão e Carvalho; Lino, Araújo, Sanfins, Angelo e Vieira.

O Elvas — Calleja; Casimiro e Neves; Galinho, Oliveira e Sousa; Vieira, Massano, Patalino, Sanlana e Ferramenta.

Classificação Geral

	CASA				FORA				TOTAL				P.
	J.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	V.	E.	
Sp. da Covilhã..	1	1	—	4-0	—	—	—	1	—	—	4-0	2	
Sporting.....	1	—	—	—	1	—	3-0	1	—	—	3-0	2	
Vitória (G.)....	1	1	—	4-1	—	—	—	1	—	—	4-1	2	
F. C. Porto.....	1	1	—	3-1	—	—	—	1	—	—	3-1	2	
Benfica.....	1	1	—	1-0	—	—	—	1	—	—	1-0	2	
Sp. de Braga... 1	—	—	—	—	1	—	2-1	1	—	—	2-1	2	
Belenenses..... 1	—	—	—	—	—	1	1-1	—	1	—	1-1	1	
Lusitano..... 1	—	1	—	1-1	—	—	—	—	—	—	1-1	1	
Olhanense..... 1	—	—	—	—	—	1	0-1	—	—	—	0-1	1	
Vitória (S.).... 1	—	—	1	1-2	—	—	—	—	—	—	1-2	0	
Elvas..... 1	—	—	—	—	—	1	1-3	—	—	—	1-3	0	
Estoril..... 1	—	—	—	—	—	1	1-4	—	—	—	1-4	0	
Atlético..... 1	—	—	1	0-3	—	—	—	—	—	—	0-3	0	
Boavista..... 1	—	—	—	—	—	1	0-4	—	—	—	0-4	0	

Previsões da 2.ª Jornada

DOS vários vaticínios que saíram errados, na jornada inaugural, ressaltou o do jogo V. Setúbal-Sp. Braga, com as marcas previstas... mas ao contrário!

Só o «Elvas» e o Boavista não fizeram a vontade. Os «leões» ganharam na Tapadinha pela margem de 3 golos previstos. Segundo todas as probabilidades, as nossas previsões teriam saído certas, se algumas equipas não resolvessem meter golos a mais, em lugar doutras... que os meteram de menos!...

Vejam o que nos reserva a próxima tarde de futebol:

A 2.ª jornada do Campeonato da I Divisão é constituída pelos seguintes encontros (indicando-se, entre parentese, os resultados dos desafios, entre os mesmos adversários da época passada):

Sporting-Tusitano (12-0).

Estoril Atlético (5-4).

«O Elvas»-V. Guimarães (3-0).

Boavista-F. C. do Porto (0-3).

Sp. Braga-Sp. Covilhã.

Olhanense-V. Setúbal (1-0).

Belenenses-Benfica (4-1).

— Na época passada, os «leões» bateram o recorde da prova, ao mismosearem os «encarnados» algarvios com uma dúzia de golos sem retribuição. Certamente, os rapazes de Vila Real vêm agora cheios de brío, e não tornarão a cair noutra... E, vamos — metade da dose seria já fadice de progresso. Mas os do Lusitano desejariam fazer gosto ao dedo (só se for ao pé...) e hão-de marcar pelo menos o clássico «ponto de honra». Precisemos: 7-1.

— Os jogos Estoril-Atlético metem quase sempre muitos golos, de parte a parte. No fundo, existe uma certa rivalidade entre os dois semi-grandes de Lisboa... Para não fugir à tradição, prognosticamos um resultado tangencial: 3-2 a favor dos «donos da casa», como é também de tradição!

— Na cidade fronteiriça, defrontem-se as equipas que ficaram à cabeça dos grupos da Provincia, empattados no 7.º posto da classificação.

Vai ser um duelo levado dos diabos, com certeza. Supondo que Patalino está nos seus dias felizes, a coisa não fica por menos de 4-2, mais golo menos golo...

— Na Cidade Invicta disputa-se um jogo em família. No Campeonato anterior, o clube alvi-azul ganhou no campo do Bessa por 3-0. Mas este ano o «team» de Araújo parece mais forte, ao passo que o Boavista aparenta a mesma força. Se houvesse lógica no futebol, talvez devêsse ganhar agora por margem mais folgada. E ganhará por certo.

— No Minho defrontam-se os Campeões da II Divisão — os de hoje e os de ontem. Vai ser um jogo bonito, apostamos. Os bracarenses não gostam nada de levar do «coco» diante dum estrangeiro e do seu público, e é natural que se saiam com uma exhibição toda catita. Se assim suceder, os «leões» da Serra podem regressar à base com umas duas bolas na bagagem, que ninguém lhes levará a mal por isso...

— Lá em baixo, no outro extremo geográfico, assiste-se a um jogo cujos precedentes mais próximos honram ambas as partes. Quanto a nós, ganham os «virtuosos» do Olhanense por 3-1.

— Por último, temos o primeiro desafio da tarde: nada menos que um Belenenses-Benfica! O caso vai ser falado. Ambas as equipas apresentam suas linhas reforçadas e cheias de fé concentrada, o que logicamente dará uma partida de truz. Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja... O Belenenses ganhou no ano passado, e também na 2.ª jornada, por 4-1, mas isso não quer dizer nada... Até dá graça. As forças equilibram-se. Ambas as «defesas» valem quanto pesam e ambas as «avançadas» apresentam caras novas. O Benfica marca dois «stentos» na questão dos médios, contrabalançando a possível superioridade dos belenenses nos outros sectores. Enfim, para os «azuis» é o Belenenses favorito, mas para os «encarnados» é o Benfica. Para nós... são os deos! O empate é a solução mais alrosa para nos livrarmos deste dilema!...

Segunda Divisão

Os resultados da 2.ª Divisão foram os seguintes:

Luso Barreiro 1	—	F. Benfica... 0
Monção..... 3	—	Oriental.... 2
C. Piedade.. 9	—	Casa Pia.... 0
Cuf Barreiro. 1	—	Barcelense.. 1
Sp. Fafe.... 0	—	Famalicão.. 2
Vila Real.... 1	—	Vianense.... 1
Leixões..... 1	—	Oliveirense. 0
Académico.. 3	—	Sanjoanense. 0
C. Branco... 3	—	Académico.. 4
Acad. Viseu. 7	—	G. Alcoçoba 1
Ferrovário.. 1	—	Leões..... 4
Un. Coimbra 6	—	Naval..... 1
Portelense 5	—	Campalmar 1
B. Esperança 1	—	União Sport. 1
Disp. Bejs.. 2	—	Portimonense 1

Temos já, na abertura da prova, alguns resultados que merecem comentário, porque revelam surpresa e certamente uma ideia da boa época que os vencedores podem vir a ter.

Apreciando a nota dos resultados que acima se publicam vamos encontrar vitórias do Monção sobre

o Oriental, do Cove da Piedade sobre a Casa Pia, e este bem expressivo, por sinal, como o do Académico de Viseu sobre o Ginásio de Alcoçoba, e ainda do União de Coimbra contra o Naval da Figueira da Foz; resultados interessantes do Leixões, do Académico do Porto, do Vianense, do Luso do Barreiro...

Também o empate Cuf do Barreiro-Famalicão deve ser posto em relevo, sem surpresa, porém, visto ser conhecida o rivalidade entre os dois clubes barcelenses. O Sporting de Fafe, perdendo por 2-0 na frente do Famalicão, não se mostrou inferior, assim como o Cestelo Branco, que suportou admiravelmente o embate com a Académica de Coimbra em jogo duro.

Claro que estamos na primeira jornada do campeonato. Tudo começa agora, e depois de passarmos por alguns domingos mais, ver-se-á melhor o valor dos resultados de domingo findo.



Em cima: Laranjeira, esforçadamente, defende-se de Brioso. Eloi, neste golpe, já havia sido passado. A direita: Lourenço, apesar de em boa situação não conseguirá passar...



Fotos BENIGNO DA CRUZ

Em cima: Curado, elástico e ágil, é a grande força defensiva do Vitória de Guimarães. A direita: Machado defende com segurança

GUIMARÃES AFIRMA-SE UM "TEAM" DE CATEGORIA

O DIA DE CUSTÓDIO

Já tínhamos dado por este rapaz no Montijo, e ainda há pouco tivemos oportunidade de, em conversa com o respectivo treinador, ficarmos com uma ideia exacta deste novo elemento — verdadeiro valor do Jogo — para o qual se prevê um brilhante triunfo!

Vivo e enérgico, espécie de enguia, habilidoso e persistente, faltava-lhe apenas saber jogar, isto é, ter a boa imagem do futebol de conjunto. Custódio, no domingo passado, dominou em campo e ganhou a partida. O garoto do Montijo está um jogador feito!



O 1.º TRIUNFO DO D. DE BEJA

Em cima — Com o guarda-redes já batido, Godinho fez o segundo tento do Desportivo de Beja, fixando o resultado em 2-1. Ao lado — Gaspar disputa a bola a Vicente e consegue sair vitorioso da contenda

A Selecção Nacional de Voleibol Em Roma



Portugal vai estar presente no Campeonato europeu de voleibol, em Roma, ao lado dos seguintes países: França, Bélgica, Holanda, Jugoslávia, Checoslováquia e Itália. A equipa segue hoje para a Itália acompanhada dos srs. eng. Augusto Cavaca e do nosso camarada Craveiro Lopes

LUSITANO I — BELENENSES I



1 — Feliciano intervem com a sua costumada autoridade; 2 — Sério livra-se com dificuldade de um adversário muito afoito; 3 — O guardaredes do Belenenses bloca com segurança uma bola alta; 4 — Isaurindo teve magnificas intervenções e salvou o seu grupo muitas vezes (em corrida, ao longe, destaca-se Narciso); 5 — Serafim corta o caminho ao adversário, enquanto Sério defende

AS REGATAS LISBOA — SESIMBRA — LISBOA



Começou no sábado passado a disputa da regata Lisboa-Sesimbra-Lisboa para iates de pequeno cruzeiro. Largaram apenas cinco barcos: «Sabu» de António Ferreira, «Nando» de Fernando Senor, «Silex Queen» de Alberto de Mascarenhas, «Núria» de José Barrento, e «Roaz» de Eugénio Franco.

Devido à grande dificuldade de navegar, nenhum dos barcos chegou a Sesimbra. Damos um aspecto da prova e o juri da regata.



TORNEIOS DA A. F. L.



Sob os auspícios da Associação de Futebol de Lisboa começou a disputar-se, no passado domingo, um Torneio de Reservas, de que damos algumas imagens de dois encontros: Benfica 8-Belenenses 2, Sporting 4-Casa Pia 0. 1 — Vasco, que reapareceu nas reservas, em luta com Vítor Baptista; 2 — Moura luta e ganha vantagem; 3 — O guardaredes do Casa Pia bloca; 4 — Uma situação perigosa resolvida com acerto.



O campeão europeu Villemain

não teve em Verdinelli adversário capaz

ESTÁ em Lisboa e apresentou-se ao público na madrugada de sábado no autêntico campeão da Europa de boxe: Robert Villemain.

Na sua frente colocaram o pugilista italiano, Verdinelli, jogador veterano, sem poder de golpe, e cuja celebridade não transpuzera ainda as fronteiras da pátria. O combate entre a juventude e a decrepitude anunciou-se breve e desigual, mas os factos desmentiram parte desta previsão porque Villemain, ou nama noite desafortunada, ou



Robert Villemain
visto por Pargana

doente ou, talvez, generoso, levou o desafio por deante e deixou que d'arasse o tempo regalar-se.

Apesar do renome e da classe deste pugilista, que ocupou na Europa, lado a lado com Cerdan, um lugar proeminente, o público manifestou o seu desagrado, assobiando e apostrando o papilo de Jean Bretonnel.

O combate Villemain-Verdinelli não foi, na verdade, rutilante. A supremacia lisa do francês sobre o italiano, supremacia de natureza muscular, que se revelou na ligeireza do gesto, no vigor dos socos e na capacidade de aguentar, conjugou-se com grande mestria técnica, principalmente na arte de parar os golpes, de entrar e sair da guarda do antagonista e no processo de cobrir os pontos vulneráveis. As nossas fotografias dão ideia do que dizemos.

Tudo isto fez Villemain, sem pressas, sem contandência e em tal abundância que Verdinelli seia do retângulo, metralhado, estilhado, desfeito.

O italiano esteve sempre a manobrar em sentido retrógrado. Foi corajoso, mostrou-se rijo

mas careceu de audácia para se expor à batalha. Disputou o combate conforme o que lhe convinha e nisso procedeu com inteligência. Mercê de vários toques certeiros e potentes, caiu cinco vezes na lona, durante o primeiro, sétimo e nono assaltos, acabando com as feições pisadas pelos repetidos golpes do «distribuidor automático» que teve deante de si.

O melhor combate do saara, valendo todos os outros do programa, foi o de Guilherme Martins com Walter Momber. Este desalio bastava para preencher um cartaz e não desmentia esta hipótese.

Momber, ex-campeão de França, é um «veterano» de 27 anos, ardente, disposto de um processo de combater variado e experiente, em condições de dominar rades adversários. Tudo isto pôs ele em evidência contra Martins e conquanto a decisão mais equilibrada do desfilio padecesse ser o empate, também é certo que o nosso compatriota se revela mais duro, mais vigoroso e mais oportunista que o seu adversário. Melhor que Janito Martin, octavo Guilherme. Não lora a pouca variedade dos seus recursos, principalmente, fazer redozido emprego das esquivas e movimentar-se mal, o seu trianfo teria sido claro e apoteótico.

Momber linta com êxito, forçando o lazitano a cair no logro algumas ocasiões, mas a sua linha alta consentia penetrações de hooks e crosses cheios de força, que lhe abriram um ferimento no canto da pálpebra esquerda. Nas contra-ofensivas foi quasi sempre o português quem levou a melhor e só a iniciativa dos ataques, tomada por Momber, lhe deu jus a um empate — a nosso ver — mas a vitória de Martins admite-se sem escândalo de patrioteirismo exagerado.

No combate de abertura, o sardomado francês, Plette, dispôs do negro Kid Adriano por falta de lólego, no 5.º assalto.

Já era tempo de Adriano passar a espectador, tanto mais que o processo não ilade ninguém.

Depois, o moçambicano Neves derrotou o espanhol Asencio, por fora de combate ao 2.º assalto. Durante dois minutos o vencido mostrou-se capaz de defender as suas cores; em seguida, arrependeu-se e coloeu o maxilar nana salva de... lata, e ofereceu-o a Neves.

Quando ao desalio entre João Rocha e Ciclone, consistia nma moa combate por parte de Rocha, possivelmente eletrizado pelas palavras de Villemain.

Diante de um ciclone que não passava de ligeira brisa outonal, Rocha dispendeu muita energia a soear a omoplata do estiran-

O Paço de Arcos

é campeão de Portugal

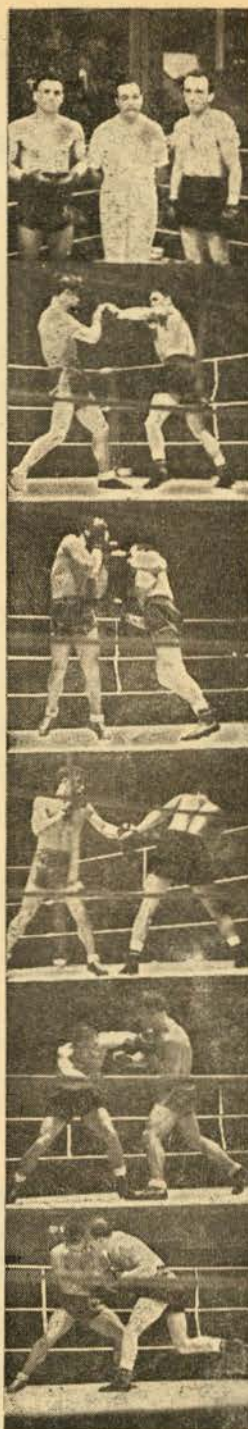
NA altura em que estas simples e breves regras virão a lume ainda estavam para disputar-se os três últimos desalios do X campeonato de Portugal de hóquei em patins. Mas já se conhecia o vencedor, de resto vislambado antecipadamente, pois a categoria do Paço de Arcos permitia esperar-se repetição de trianfo. E que género de trianfo! E' que em dez torneios (desde 1939) a equipa n.º 1 do País nos últimos sete anos (de 1941, inclusive, para cá) venceu cinco vezes o campeonato, quatro das quais seguidas, e tal facto lezia crer — dir-se-lhe até se «quase crer» — em mais uma vitória para junter à lista-recorde da competição. Nesta prova, mesmo, o Paço de Arcos (até à altura de escrevermos...) colecionara nove trianfos em igual número de partidas: contra Académico, 5-0 e 9-3; Infante de Segres, 4-1; Sporting de Oeiras, 6-0 e 10-0; Hóquei de Sintra, 6-1 e 7-1; Estrela e Vigorosa 7-0 e 5-2. E tinha a mereção magnífica, exuberante mesmo na sua concludente superioridade, de 59 8... Que dizer, pois, de uma equipa com este lindo «balanço»?

Os jogos do Porto disputaram-se todos no Palácio de Cristal — que não é ainda o recinto ideal de que a cidade precisa (bem longe disso...) mas serve em circunstâncias como a presente. E, nos jornadas de sábado e domingo, registaram-se os resultados seguintes:

Sintra-Académico, 5-4; P. Arcos-Vigorosa, 5-2; Infante-Oeiras, 6-2; P. Arcos-Académico, 9-3; Sintra-Infante, 4-2; Oeiras-Vigorosa, 3-0. Antes, entre grupos dos mesmos regiões, para começo da segunda volta: P. Arcos-Sintra, 7-1; Sintra-Oeiras, 4-1; P. Arcos-Oeiras, 10-0 (recorde); Académico-Infante, 3-3; Infante-Vigorosa, 4-1; Académico-Vigorosa, 8-1.

Conhecido o vencedor, sabia-se, também, por analogia e ordem de valores, qual a turma que viria a ser segunda: era o Hóquei de Sintra. Só o 3.º é que não... Tanto podia ser o Infante de Segres como o Sporting de Oeiras ou mesmo o Académico. Mas, quanto aos sintrenses, diga-se que são justifiadamente os «subelternos» do campeão! Com o qual, aliás, somente perderam (1-6 e 1-7) tendo genho os restantes encontros: Académico, 3-2 e 5-4; Infante, 8-0 e 4-2; Oeiras, 7-1 e 4-1; Vigorosa, 8-1. Na totalidade: 41-24.

E' curioso assinalar para fecho desta crónica, que o Paço de Arcos, vencedor pela primeira vez em 1942, no IV campeonato, repetiu a façanha dois anos deoerridos, e, de então até à data, tem sido sempre o campeão de Portugal! Os vencedores: Sporting — em 1939; e Futebol Benfica — 1940, 41 e 43.



De alto a baixo, pode o leitor apreciar algumas fases do combate travado entre o campeão da Europa Robert Villemain e o italiano Verdinelli

giro, revelando vigor (é certo) mas também desorganização. Trianfo por pontos, de justiça. Excelente espectáculo, excessivamente longo, que concluiu cerca da 1 hora da madrugada.

Rafael Barradas

Jorge Monteiro

Stadium

COISAS DA BOLA...

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

**SEGREDOS...
que toda
a gente sabe!**

A massa associativa do Belenenses dá mostras de revolta e de acentuado descontentamento. Uma das coisas que a leva ao paroxismo é a actual orientação do futebol e nestes dois pontos capitais: eliminação da 2.ª categoria, e constituição de uma Reserva sem jogadores com probabilidades do salto para a categoria de honra.

Estão inscritos na Escola de Jogadores do Benfica mais de 500 miúdos, e os que demoram a ser chamados ardem de impaciência. O órgão do clube aconselha calma...

Os árbitros de 1.ª categoria designam-se agora por árbitros de categoria nacional. A designação, por mais chique, constitui uma das obras mais acertadas da Comissão Central.

Os juizes de campo que actuam no Campeonato Nacional desprenderam-se das Comissões Distritais. O destino destas Comissões parece ser igual ao das Associações.

O campo do Liceu de Beja, por determinação do sub-secretário da Educação Nacional, continuará a ser utilizado pelos dois clubes da cidade. Deve aplaudir-se a decisão a mãos ambas.

Continua a afirmar-se esta coisa pitoresca: — que a época fechará a 31 de Maio. Ora, quem lá vê!

O grupo de honra do Benfica treina 4 vezes por semana. O futebol está entregue superiormente ao sr. Mário Santos.

Um árbitro de certa categoria, José da Silva Pires, de Seidbal, foi irradiado.

Em Coimbra, enquanto não começa a funcionar o Estádio Municipal, os campos de Santa Cruz e da Arregaça sofrem melhoramentos. Ainda há coragem em Coimbra, após a descida da A-adémica!

Um jornal dá Ricardo Ornelas como seleccionador nacional. A notícia, ao chegar ao conhecimento de Ricardo Ornelas, deixou-o assombrado.

Fala-se na realização de um grande encontro de caracter internacional a favor de Mariano Amaro — o homem que tem direito à mais bela festa do Futebol Português.

Equipas de arbitragem

COMEÇOU um Campeonato Nacional, e entre as variações que a Prova oferece no seu inflexo figura o chamado «momentoso assunto», o problema da arbitragem.

Como sabemos, as regras foram alteradas. Dizem-nos que tal aconteceu, e tudo leva a crer que seja verdade. Não temos o direito de duvidar da Federação que lançou aos quatro ventos as sobreditas Alterações aprovadas, em seu dizer, na reunião da Internacional Board efectuada em Montreux a 12 de Junho findo.

Tais alterações incorrem principalmente na Lei 12, e respeltam, genericamente, a factos, cargas e castigos, introduzindo matéria nova. Mas, a bem dizer, no domingo passado, ninguém deu por isso... As alterações ficaram no papel — não passando à prática. A razão de semelhante proceder está apenas no seguinte: — não sabermos os juizes de campo como dirigi-la coisa. E, então, para não escorregarem, orientaram-se pela letra antiga. Embora revogada.

Mas se, propriamente, não se chegou a dar pelas já celebradas Alterações, deu-se por um aspecto novo que vai influir — benéficamente, assim o cremos! — na arbitragem portuguesa. Referimo-nos a ter-se posto em prática o sistema da «equipa de arbitragem» que vinha a ser reclamado pela critica há muito tempo, sem que a Comissão Central de Arbitros (por culpa própria ou alheia?) tivesse, ao menos, ouvido para recolher e aceitar as boas sugestões.

Não fazemos segredo da antipatia votada ao método de arbitragem importado, sem ter em conta a aplicação e cultura dos nossos homens do apito, mesmo à «maneira de ser» portuguesa. Entendemos que, desde que vigora o referido processo, nunca mais se criou mais dúzia de árbitros com personalidade e de respeito. Ainda que a arbitragem deixou de ser conduzida com firmeza por um só homem para passar a ser um atributo de três pessoas, sem firmeza alguma.

Todavia, dentro do Método, a constituição das «equipas de arbitragem» era indispensável, como único meio de boa coordenação de direcção, de arbitragem fugindo à nota característica da influencia local por intermédio dos juizes de linha, enfim, de verdadeiro entendimento entre os 3 do juri.

A Comissão Central tirou agora os árbitros às Distritais e começou a organizar «equipas de arbitragem»: quando um dos três é árbitro os outros são juizes de linha, e isto indistintamente.

Várias equipas: Augusto Oliveira Machado-José Serandezes-Mário Ribeiro; Borques Leal-Mário Ribeiro Sanches-Filipe Gameiro; Luis Vilaça-Rogério Melo Paiva-Gouveia. Enfim, deu-se um excelente passo. Talvez estejamos no acordar!

O jornalista desconhecido informa:

Que alguns clubes estão na disposição de criar o cargo de secretário técnico, à maneira de Espanha, e que um deles teria já salado a uma conhecida personalidade desportiva a qual teria recusado. A maior dificuldade está em encontrar a pessoa apta para o lugar e em pagar-lhe de modo a tal função ser o fulcro da sua vida.

Que os árbitros receberem instruções confidenciais para ensinar aos jogadores, antes dos encontros, as Alterações das Regras,

que, eles, árbitros, aliás, estão longe de conhecer.

Que no Belenenses está a seguir-se a política, no aspecto técnico, de fazer subir muito rapidamente os novos valores — seguindo no rumo de Scopelli — e que os resultados estão longe de corresponder aos desejos da orientação.

Que todos gostaríamos que os jogadores se mostrassem disciplinados, de motu-próprio, e não com receio das sanções. Mas que o começo da época nos diz o contrário.

Que o campo rebaldado da Tapadilha confiado há meses ao tratador do Estádio Nacional se apresenta em excelentes condições de piso e jogo, nem parecendo o mesmo terreno.

Que o engenheiro Pedro Belo, do Benfica e da Comissão de aquisição do novo campo, teria dito a um dos nossos amigos que o caso estava definitivamente arrumado, isto é, o Benfica já teria os terrenos suficientes em Carnide para a construção do seu Parque de Jogos.

A idade do Desporto

O campeonato do Mundo de velocidade em bicicleta, na categoria de amadores, foi este ano ganho por um jovem italiano que conta apenas dezassete anos. Em contrapartida o amador que venceu no campeonato em estrada é um suéco com trinta e um anos.

Destes contrastes flagrantes podemos tirar curiosas ilações sobre os limites da idade do desporto que podem, pelo visto, baixar e subir bastante além do habitualmente considerado.

Os dois casos devem, contudo, ser apreciados separadamente e com critério diverso.

Que o desportista de classe, cuidadoso da sua forma e sujeito a rigorosa higiene no seu regime de vida, dure até além dos trinta anos e possa impôr-se a adversários mais novos, não é caso para muita admiração e, se a maioria pública o estranha, isso prova apenas o errado conceito a que é levada pelo exemplo da generalidade, que acaba cedo porque não sabe cuidar-se.

Mas o outro caso, o do campeão precoce, não pode ser tomado como normal e justificativo de generalização. Trata-se de um individuo excepcional e, mesmo como tal, em nosso espirito surge a interrogatória, se não será perigosa para o normal desenvolvimento desse organismo em formação, uma iniciação assim precoce e comportando tão violentos esforços.

Lembremo-nos, por exemplo, daqueles adolescentes, com quinze e dezasseis anos, que os japoneses trouxeram a Berlim para conquistarem títulos olímpicos e que todos desapareceram imediatamente da cena desportiva.

A prática do exercício desportivo pode, sem inconvenientes, ser consentida aos adolescentes e até às crianças, desde que seja criteriosamente empregada como uma das formas da educação física, jogo ou ginástica de aperfeiçoamento de técnicas, mas fugindo em absoluto aos exageros da competição ou da busca de resultados máximos; nem a luta contra segúdos, nem a luta contra o próprio.

Em Portugal está oficialmente estabelecida a idade mínima para a prática dos vários desportos e jogos desportivos em provas de competição. Ainda bem que assim é: e se a lei pode impedir o aproveitamento de alguns indivíduos de excepcional precocidade fisiológica, consolemo-nos do mal pensando no enorme benefício que nos traz, salvando muitos outros mais que, habilitados apenas, se arruinariam em esforços incomportáveis pelos seus jovens organismos.



A VITÓRIA DO BENFICA NÃO OFUSCA O OLHANENSE

Fotos AMADEU FERRARI



Júlio, entre Loulé e Abraão, faz acrobacia!



ABRAÃO
um guarda-redes que triunfa em Lisboa



O guardarede do Olhanense triunfou em Lisboa, numa exibição elegante, segura e perfeita, como o demonstram estas fotos, de cima para baixo, segurando a bola, lançando-se no ar, defendendo a punhos e bloqueando



Ben David ataca, Azevedo defende!

Uma curiosa jogada de ataque do Atlético, com Ben David e Demétrio. Juvenal intervem com êxito. Travassos e Peyroteo espreitam!



Os bailados estranhos da bola! Peyroteo e Correia, tendo à sua volta Baptista e José Lopes



Passos, o novo defesa do Sporting em acção. Armino tenta apoderar-se da bola



ATLÉTICO
grande clube lisboeta!

Há seis anos nasceu um grande clube, o Atlético Clube de Portugal! Duas colectividades abateram bandeiras para terem como simbolo uma bandeira em que enlucaram as cores do União e do Caravelinhos.

De então para cá, a passos aragantados e plenos de esforço, o Atlético, cada vez mais forte, tem-se elevado no conceito geral — afirmando-se uma grande colectividade, pelas suas realizações práticas, e pela maneira como os seus dirigentes e jogadores se comportam. A massa clubista do Atlético também se tem mostrado capaz de todos os sacrificios.

As fotografias que publicamos — o sr. dr. Ribeiro Ferreira a fazer a entrega de uma salva de prata ao sr. cap. Aleixo Pires; e os cumprimentos que a Filial de Arrentela veio trazer ao Clube-Sede — marcam o inicio das festas do 5.º aniversário do Atlético que, prolongando-se até o próximo sábado, prometem revestir-se de grande brilhantismo.



Fotos NUNES DE ALMEIDA



OS "LEÕES"
GANHAM
NA TAPADINHA



CUIDADO COM AS LESÕES

As lesões caem sobre os jogadores como uma praga. Sem dúvida, a existência de terrenos revidos, bem tratados, diminui esse perigo — o flagelo das equipas e dos dirigentes. Rosário, o estreante do Benfica, é vítima de um desses accidentes. Tomamos o seu caso particular para generalizar. Nada se pode fazer contra as lesões próprias do jogo, mas é indispensável banir dos terrenos do futebol aqueles que, provocando as lesões, não respeitam o adversário nem a si próprios.



1 MINUTO DE SILÊNCIO
recordando Francisco Vieira

No Campo Grande realizou-se no domingo uma cerimónia simples, mas tocante. Público e jogadores — toda a gente — guardaram comovidamente um minuto de silêncio, recordando a bela figura de Francisco Vieira, guardarede do Benfica e internacional, há pouco desaparecido. Os clubes engrandecem-se com estes actos!

Estádio Municipal brasileiro

(Especial para «Stadium», do nosso redactor CANDEIAS ALVAREZ)

QUANDO, há dezoito meses, aportamos à formosa baía do Guanabara, ouvimos com insistência e liamos em grandes parangons que encimavam os cabeçalhos dos jornais, que o estádio municipal do Rio de Janeiro seria um facto absolutamente resolvido, e que a sua inauguração se verificaria em Janeiro de 1949, quando da disputa do campeonato sul-americano de futebol; e ali, num megestoso cenário de belesa architectonica seriam disputados os desfechos da «Taça Mundial» em 1950...

Debatia-se então a questão na Câmara dos Vereadores com manifesta relutância da parte de uns na aprovação do Projecto que diziam demadadamente audacioso, visto o Rio de Janeiro e o próprio Brasil terem no presente momento mais necessidade de construção de hospitais, onde se abrigariam milhares de doentes, do que um Estádio Municipal onde 150 mil pessoas se juntariam para ver jogos de campeonato.

É certo, contestava a parte contrária, que o Brasil necessita de outras coisas, mas impõe-se a construção dessa praça de desportos que trará um mais forte impulso ao desenvolvimento desportivo do país, e agora mais que nunca, visto em 1950 serem hóspedes dos brasileiros os mais famosos seleccionados europeus e sul-americanos.

Decorreram os debates durante cerca de três meses sem qualquer finalidade, até que devido à persistência da facção «pré-estádio» foi decretada a construção do mesmo. Deveriam ser postas à venda pública diversos sectores de cadeiras cativas por 5 anos ao preço de 10 mil cruzeiros e, ao mesmo tempo, entregue à Confederação Brasileira de Desportos os terrenos onde esteve instalado o antigo «Derby Clube» e que hoje eram pertença do Exército.

As «démarches» em torno do assunto continuaram indefinidamente e sem motivo que o justificasse, até que em Fevereiro ou Março do corrente ano — se nos não falha a memória — foi aberto concurso para a construção do Estádio, e entregue a uma firma americana que se propôs concluí-lo no prazo de 15 meses, tempo que considerámos diminuto em face da grandiosidade do Projecto. Por essa data verificou-se que a venda de cadeiras cativas cujos auspícios iniciais fariam prever a sua venda total, estava sujeita a um fracasso, visto que uma sociedade anónima organizada pelo maior industrial do Brasil, Francisco Matarazzo, lançava uma campanha para venda de acções de um estádio nacional que se propõe construir e onde, dizem, serão dadas maiores vantagens aos acionistas do que aquelas que lhe foram oferecidas pelo estádio nacional.

Chocaram-se assim duas ideias e dividiram-se as opiniões, sendo umas pelo estádio municipal e outras pelo estádio nacional. Não nos julgamos capazes de arbitrar uma questão deste género em que dum lado se encontra o Governo Brasileiro e do outro uma entidade particular, cada qual lutando pela realização e

conclusão da sua ideia. No entanto, apesar de tudo, nem uma nem outra será coroada de êxito...

O estádio municipal, obra a efectuar com o auxílio do Governo, apesar de já terem sido incluídas as terraplanagens do terreno e de ter sido entregue a sua construção a uma firma americana, como atrás mencionamos, prende-se a obstáculos aparentemente fáceis de resolver, mas que a influência de Francisco Matarazzo vem tornando difíceis.

E talvez por saber que a conclusão dessa enorme praça dos desportos ainda está praticamente no Projecto e que a sua conclusão será um «bico de obra» muito grande é que nos inclinamos para a ideia de que nem o Sul-Americano de futebol nem o Campeonato Mundial ali serão disputados.

Em conversa com diversas entidades que regem o desporto no Brasil

TRÊS americanos ocuparam os primeiros lugares na XIV Olimpíada, embora os ingleses tivessem apresentado dois bons «sprinters», e os australianos outros tantos. Esses americanos são o campeão e fenómeno Dillard, o rápido Ewell, o panamaleco Lebeach, todos eles negros, a confirmar a supremacia desta raça em corridas como nos saltos, tendo até o segundo e terceiro iguado já em provas anteriores o recorde mundial de Owens. Mas Dillard é o melhor de todos e talvez o futuro recordista mundial nesta clássica distância que é o hectómetro. Depois de o vermos em Paris correr ans exccelentes 200 metros em 20,8 s. com um â vontade impressionante pois que o próximo adversário fica a dez metros, e tendo Dillard partido na pista seis, ainda foi maior a impressão de velocidade e descontração deste simpático negro.

Mc Corquodale, a revelação dos Jogos de Londres, foi o melhor europeu e o melhor representante da raça branca visto que, embora em pior tempo que nas meias-finais, bateu o americano Patton que, na final, esteve irrealizável.

De Bailey, diremos que teve sorte em ser finalista, pois que tanto Lopez Testa como Treloar demonstraram valor para figurarem na final.

Se analisarmos os tempos de cada finalista nos diferentes eliminatórias, verificamos que: Dillard fez 10,4 s.; 10,4 s.; 10,4 s. e 10,3 s. na final — Ewell, 10,5 s.; 10,5 s.; 10,4 s. e 10,4 s. na final — Lebeach, 10,5 s.; 10,5 s.; 10,4 s. e 10,6 s. na final — Mc Corquodale, 10,5 s.; 10,5 s.; 10,5 s. e 10,7 s. na final — Patton, 10,6 s.; 10,4 s.; 10,4 s. e 10,8 s. na final — Bailey, 10,5 s.; 10,6 s.; 10,6 s. e 11 s. na final.

Portanto, parece-nos que Dillard foi incontestavelmente o

abordámos esse assunto sendo todas contrárias à nossa opinião. Mas deixaram sempre nas suas palavras uma nota de dúvida que nos não passava despercebida...

Há dias e por intermédio dos jornais chegou ao nosso conhecimento de que Correla Meyer se havia encontrado com o presidente do Vasco da Gama sr. António Rodrigues Tavares, abordando o assunto da cedência do estádio de S. Januário para a realização do Campeonato Sul-Americano de Futebol, visto o estádio municipal ser ainda um sonho.

Pelos vistos, concordou aquele dirigente com a cedência do campo; o dr. Ribadavia aventou a hipótese de tapar a parte lateral direita do estádio vascaíno, visto o mesmo ter a configuração de uma ferradura. Sendo essa abertura encerrada tornaria possível o aumento de lotação em mais 20 a 25 mil pessoas. Ficou o presidente

do Vasco de lhe apresentar o preço da obra a levar a efeito, e ficou assente naquele momento o alargamento do campo propriamente dito de 108 para 110 metros.

É realmente sintomática a atitude do presidente da Confederação, pois se, da sua parte, houvesse a certeza da conclusão do estádio municipal para 1950, não iria abrir os cofres da entidade a que preside para auxiliar o Vasco nas despesas dessas obras que, no momento e para as suas necessidades, não são imprescindíveis.

Queremos, pois, crer que, convencendo-se da inutilidade dos seus esforços quanto à construção da maior praça desportiva do Brasil, e visando o ditado de «que mais vale prevenir que remediar», lança mão da ideia que em princípio foi lançada, reduzindo as despesas e apresentando não só aos seleccionados sul-americanos como aos seleccionados mundiais uma praça de desportos que, não sendo nem tanto a magnificência da projectada, serve muitíssimo bem para os torneios em questão.

Quem continua de parabéns é o Vasco da Gama, não só pelo melhoramento, como pela certeza que há do seu valor como primeiro clube do Brasil e o único com instalações à altura de poderem servir em competições «internacionais» de tal vulto.

JOGOS OLÍMPICOS

Análise da prova de 100 metros

Dillard sucessor de Owens!

Nuno Morais entre os 20 melhores olímpicos

«Sprinters» que fizeram menos de 11 segundos

melhor corredor de 100 metros em Londres e também o mais regular, Ewell o segundo em mérito e regularidade e Patton seria terceiro se na final não estivesse irrealizável. Lebeach nunca nos deu a sensação de já ter feito 10,2 s. e Bailey não teve «pernas» para tantas eliminatórias. Mc Corquodale com três vezes 10,5 s. esteve brilhantíssimo e ocupou um excelente quarto lugar na final, embora inferior a Patton.

Valmy, Vandewille e Nuno Morais os melhores continentais

Estiveram fracasos os «sprinters» da Europa Continental, pois que pelos tempos tomados oficialmente apenas três se creditaram de menos de 11 segundos.

Nuno Morais, embora abaixo do seu normal, foi um excelente representante do nosso país, mesmo pod. Já ter ganho a sua eliminatória se não fosse o excesso de nervosismo de que se apoderou e que lhe fez esgotar as energias para os quartos de final.

Temos também a impressão que Nuno Morais sofreu um abaixamento de forma, não devendo repetir, esta época, tempos aproximados aos seus recordes.

Dos outros continentais só baixaram os 11 s. o francês Valmy, aliás, em excelente retorno de forma, e o belga Vandewille que não fizeram menos de 10,8 s.

Dillard (U. S. A.), 10,5 s.; Ewell (U. S. A.), 10,4 s.; Patton (U. S. A.), 10,4 s.; Lebeach (Panamá), 10,5 s.; Mc Corquodale (G. B.), 10,5 s.; D. Bailey (G. B.), 10,5 s.; Treloar (Austrália), 10,5 s.; Lopez Testa (Irlanda) 10,5 s.; Bartram (Austrália), 10,6 s.; Fortan Chacon (Cuba), 10,6 s.; Jones (G. B.), 10,6 s.; Pereira da Silva (Brasil), 10,6 s.; Carota (Argentina), 10,7 s.; Valmy (França), 10,8 s.; Bonhoff (Argentina), 10,8 s.; Wandewille (Bélgica), 10,8 s.; Lewis (Trinidad), 10,8 s.; Mc Kenzie (Jamaica), 10,8 s.; Morais (Portugal), 10,9 s.; Zannoni (Brasil), 10,9 s.; O'Brien (Canadá), 10,9 s. e Haggis (Canadá), 10,9 s.

Por aqui se poderá avellar a grande superioridade dos americanos do norte e do sul e dos australianos sobre os europeus; o lugar de destaque de Nuno de Morais antes da segunda dzida, a classificação de Valmy e Vandewille os melhores europeus; e os 10,5 s. de Lopez Testa, um magnífico «printer» e Treloar, embora se quedassem nos meias finais.

Esperemos agora por 1952 para ver a reabilitação dos europeus ou a confirmação dos fenomenais americanos do norte nos primeiros lugares, e que já vai sendo tradicional.

João Jacinto

O CONCURSO DE CASCAIS

obteve um assinalado êxito e proporcionou boas vitórias aos cavaleiros portugueses

O desejo há tanto tempo demonstrado pelo Incansável animador do Concurso Hípico de Cascais, Sr. Manuel Possolo, de tornar o certame, Internacional, foi conseguido finalmente este ano, não sem grandes esforços e porfiados trabalhos.

A presença em Cascais de uma equipe espanhola, além do brilho incontestável que deu ao Concurso, foi um justo prêmio para quem, como Manuel Possolo tanto lutou para a internacionalização do sempre agradável certame, já fomos nos anos anteriores, apesar de circunscrito aos cavaleiros nacionais.

Os concursos hípicos sendo todos iguais, são todos diferentes, e esta diferença resulta, evidentemente, da diversidade de critérios dos dirigentes técnicos, cada um com a sua maneira de ver, cada qual com a sua opinião.

Uns preferem torná-los difíceis com es meides, por vezes grandes, dos obstáculos; outros dificultá-los com os traçados dos percursos, cheios de voltas e complicações. O de Cascais é uma mistura dos dois critérios. Somos daqueles que sabemos apreciar uma prova difícil, mas preferimos que a dificuldade resulte da natureza dos obstáculos e não do critério do traçado, que por vezes tira os cavalos do seu galope, diminuindo o brilho das provas.

A boa marcação dos obstáculos e a sua posição no terreno tem muita influência num percurso. É

mais difícil um cavalo transpor um obstáculo dos grandes, mas bem marcado, do que um outro a 1^m, 10, colocado a seguir a uma curva, obrigada por uma bandeira.

Antes de entrarmos no registo dos principais pormenores do Concurso fixaremos a presença em Cascais de seis casacas encarnadas, ou seja, de seis civis, que, embora em inferioridade quanto à categoria dos cavalos, nos recordaram tempos antigos. Um deles, de todos o melhor montado é, sem dúvida, o engenheiro Castro Pereira, que não deixa fenece o seu entusiasmo, nem perdeu ainda as suas qualidades, tanto de apreciar.

A «Omniun» teve dois bons vencedores — o capitão Rhodes Sérgio na «Flama», que triunfou na 1.^a série, e o tenente Rodrigo da Silveira que, com «Bajone», ganhou a 2.^a, já em luta com a equipa espanhola e com todos os nossos «esses». A sua vitória definiu bem o valor do cavaleiro, hoje já altamente cotado no hipismo nacional. Tem queido-

des muito de apreciar e, se não lhe fôsemos cavalos de categoria, tem à sua frente um futuro promissor.

A prova «Secretariado Nacional de Informação» foi ganha pelo comandante Victor Vasquez, da Equipa Espanhola, montando «Prussiana», depois de parecer certa a vitória o tenente Cerqueira, no «Beltrista». Por acaso na chegada dos cavalos espanhóis o júri autorizou a sua entrada no fim de todos os concorrentes, vantagem notória de que afinal beneficiaram.

Aqueles que, por ventura, tivessem ainda qualquer dúvida acerca do valor do conjunto formado pelo tenente Cruz Azevedo e pelo irlandês «Ramo», deslizeram-na certamente, no percurso admirável com que triunfou na «Taça José Florindo de Oliveira». Sem derrubes e conservando sempre o mesmo galope rápido, bateu o tenente-coronel Marquês do Funchal que, com o «Ebro», se encontrava à frente da classificação e que parecia imbatível.

Outra vitória magnífica alcançou-a o major Helder Martins no «Optus», na «Regularidade». Só não gostámos do percurso feito na «Barrage» para desmpele com o espanhol Dominguez, no qual pareceu ter havido um certo nervosismo. O primeiro percurso, terminado ao fim de três minutos, constituiu para nós uma das melhores provas de «Optus» nos últimos tempos.

Na quinta feira disputou-se a «Caça» e todos previam a vitória do espanhol capitão Dominguez Manjon na «Puñales» que se encontrava no lugar de honra, mas o Marquês do Funchal fez descer a bandeira do mastro com um percurso notável do «Ebro», de resto logo batido pelo capitão Correia Barrento, montando «Alcoa».

A vitória de «Alcoa» foi brilhante visto que, por não ser um cavalo muito rápido, o seu cavaleiro teve que o conduzir com inteligência, tornando o caminho o mais curto possível e entrando a alguns obstáculos logo a seguir às voltas. Quando terminou o percurso, bem difícil por sinal, estava ditado o vencedor. Ninguém o poderia bater!

No sábado teve lugar o «Grande Prémio», sobre um percurso bastante difícil em que os obstáculos subiram a 1^m, 50 e 1^m, 60. Era uma prova só para os bons cavalos, porque só estes tinham possibilidades de êxito. Triunfou novamente o «Optus», conduzido pelo major Helder Martins, que conseguiu o único percurso sem falhas, se bem que «Congo», com o capitão Raimão Nogueira, lhe não tivesse sido inferior. Uma inesperada recusa tirou-lhe o 1.^o lugar que, se ter conseguido, seria o terceiro em «Grandes Prémios», disputados este ano. Isto diz o suficiente quanto à boa forma do cavalo e do cavaleiro.

Antes, «Selecto», conduzido bem pelo tenente Barreto, alcançou a vitória na prova «Estoril».

O programa de domingo abriu com a tradicional prova reservada a «casacas encarnadas», que reuniu poucos concorrentes e foi ganha por Henrique Celeda no «Refused».

Seguiu-se-lhe a «Taça Marechal Carmona», instituída pelo Ministério da Guerra, prova a que assistiu o Chefe do Estado.

Disputado em «barrages» sucessivos terminou à 5.^a «barrage» com a luta a travar-se entre dois dos cavalos do tenente Celeda — o «Refused» e o «Zuari» — que se classificaram nos dois primeiros lugares, entre calorosos aplausos do público, os quais tiveram o seu auge quando o Chefe do Estado entregou ao magnífico cavaleiro o trofeu que conquistara com tanto êxito, numa tarde particularmente brilhante.

Houve no Concurso de Cascais alguns pormenores a que não queremos deixar de fazer referência. Fa-lo-emos no próximo número.

Antas Teixeira

NATAÇÃO

Da taça «Fernando Camarinhas» à prova de Vila Franca

A temporada natatória de 1948 apresenta, entre outros excelentes característicos, a de ser uma das mais férteis em organizações — senão a mais fértil — que a modalidade jamais registou. Com efeito, desde meados de Abril que não se sabe o que é um domingo em branco. Além disso, tem-se realizado, também, vários festivais nocturnos às quintas-feiras e, caso raríssimo na história da modalidade, domingos tem havido com duas e três organizações.

Na semana passada, o facto verificou-se uma vez mais. E a natção registou dois excelentes certames, de características diferentes, e servindo finalidades diferentes. Vejamo-las em dois treços.

O Algés levou a efeito a terceira edição da taça «Fernando Camarinhas» do qual resultou um festival que só merece elogios. Elevado número de concorrentes, provas muito bem disputadas, lutas indecisivas e emocionantes até final, excelentes despiques entre o Algés e Estoril-Prata, boa presença do Pedraços, Nacional e B-lenenses. Nama palavra: tudo se conjugou para que a reunião de quinta-feira passada agradasse sem reservas.

Domingo, e após sete anos de interregno, reatou-se uma prova que fez época e que muito contribuiu para o desenvolvimento

que a natção conheceu na laboriosa vila de Alhandra: a prova Vila Franca-Alhandra, uma organização do Grupo Desportivo da Fábrica «Cimento Tejo».

A corrida Vila Franca-Alhandra, disputada num percurso de fácil acompanhamento, com partida num centro populoso e chegada a outro onde o entusiasmo pela natção é grande, é uma prova que serve excelentemente fins de propaganda, e que, como tal, deve ser encorada e monitorada no calendário oficial.

A prova de domingo último reatou a tradição da melhor maneira. Constituiu excelente espectáculo, e deve, por certo, ter entusiasmado os seus dedicados organizadores não só a mantê-la no futuro, como até a alargarem a sua esfera de acção.

Esta quinta edição da corrida

Vila Franca-Alhandra foi, desportivamente, aquilo que se esperava que ela fosse: uma afirmação da supremacia que os fortes nadadores alhandrenses mantêm, presentemente, nas provas de fundo. Não admira, pois, que eles tenham dominado em toda a linha.

Resistentes e com bom espírito de luta, fazendo quasi diariamente o próprio percurso da prova, correndo, portanto, no seu meio e bem apoiados pelo seu público, os representantes do Alhandra: Sporting Club foram os grandes triunfadores da jornada. Triunfo justo, justíssimo.

Normalíssima a vitória de Joaquim Baptista Pereira, um nadador tolo para este género de competições. Honrosa e justa a posição de Jofre. Bonito o terceiro posto de António de Carvalho.

Nestas condições, em seniores, o Alhandra triunfou por equipas com o mínimo de pontos: (1+2+3) 6 pontos; 2.^o — Estoril (4+6+9), 19 Em juniores — 1.^o — Cimento Tejo (1+2+3), 6 pontos; 2.^o — Algés (7+11+13), 31 pontos.

Abreu Torres

ARCADIA	O DANCING N.º 1 — DA CAPITAL —
Apresenta um sensacional programa de atrações, com	
Lolita Torres y Pepe Ballesteros	LOS MAJOS DE ESPAÑA
TRIO Sinfonie Parisien	
Carmelito de Cordoba, Hermans Rodriguez, Mary Mely, Lita-Anlle, Nancha de Aragon, e Mabel Valência	
A's 2,50 Horas	UMA GRANDE SURPRESA!
TOURADA A' ESPANHOLA	



Este homem parece que nos olha detrás das grades da prisão. Nada disso! Leva, apenas, um protector facial, porque tem o nariz fracturado e teme perdê-lo por completo, no jogo que vai disputar



Pronto para a refrega. Devidamente equipado, eis a silhueta mastodônica do jogador. Note-se o sombreado das coxilhas artificiais, destinadas a neutralizar o reflexo da luz do sol quando desce para o horizonte

O futebol universitário americano é uma modalidade brutal e caríssima, que derivou do jôgo do rugby

rito e o código do amadorismo, mas existem grupos profissionais dessiminados pelo país. Infelizmente, as universidades (que são instituições particulares, nos Estados-Unidos) servem-se de todos os meios, lícitos e irregulares, para manter os seus teams em elevado grau de eficiência.

É uma fonte de receita formidável, que jamais pode desprezar-se. Os estádios enchem-se a abarrotar, e as receitas ultrapassam por vezes, duzentos mil dólares por espectáculo.

A rivalidade Yale-Harvard ou Army-Navy tornou-se quase lendária, apaixonando o estudantes,

os familiares e os ex-alunos que, embora instalados na vida, seguem as peripécias dos campeonatos com o fervor de fanáticos.

O futebol americano tornou-se, acima de tudo, uma modalidade desportiva ultra-especializada. Neste particular, sobreleva o pugilismo, o golf ou o ténis. É um jogo que exige imensa coragem física e agressividade sem par, ao mesmo tempo que talento e percepção. Os praticantes são escolhidos entre os mais robustos espécimes da natura humana e para suportar a brutalidade dos choques, envergam artificios de protecção, alguns dos quais, como o capacete de aço revestido de couro, se transforma na mais perigosa arma agressiva.

Também é uma modalidade caríssima! Cada um dos onze jogadores de uma team de honra possui dois equipamentos completos, avaliados em 300 dólares. A Universidade de Columbia, tem ao serviço de um treinador e onze assistentes remunerados. Quando se desloca o grupo, é preciso despachar igual número de baús formidáveis, contendo o vestuário dos jogadores, de tal modo que, a necessidade de obter chorudas receitas, se torna um problema vital, de consequências decisivas para a economia e o bem-estar de sucessivas gerações de estudantes.

RAFAEL BARRADAS

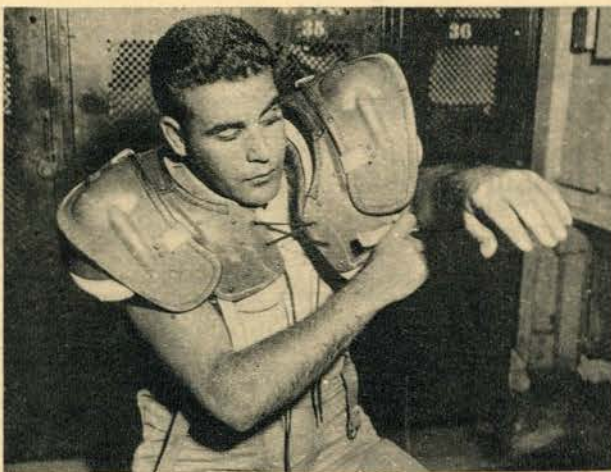
OS jogos colectivos, em que vários indivíduos se associam para alcançar um fim determinado, vieram da mais recuada antiguidade.

Os gregos, por exemplo, praticavam o *epikoinos* e o *harpastum*, duas modalidades distintas de futebol, que viveram na memória de gerações sucessivas, passaram aos romanos e foram levados à Inglaterra, onde, por capricho do Destino, se aclimataram, tornando-se tradicionais e indispensáveis.

A paixão enfurecida das massas populares britânicas pelo jogo da bola conduziu a frequentes e desastrosos excessos. A tal ponto que o poder real interveio, frequentemente, para proibir o futebol nos seus domínios, e o primeiro decreto desse género saiu a lume em 1349, quando D. Pedro, o Cruel, ainda não tinha ascendido ao trono de Portugal.

O conflito entre o povo e a realza, por causa da loucura dos desportos, terminou com uma retumbante vitória da vontade popular e, desde esse dia, os jogos atléticos dominaram intensamente a imaginação e o espírito dos anglo-saxónicos.

Os colégios e as universidades foram os laboratórios mais importantes que fabricaram, e, poliram, os regulamentos do jogo da bola. É possível que o nível elevado de cultura clássica excitasse o interesse pela cultura física no cérebro dos estudantes, pois o filósofo Platão, discípulo de Sócrates, refere-se às vantagens dos exercícios corporais como meio de aumentar a força moral da juventude (República, III, 12).



Como os toureiros, o vestir do futebolista universitário é um acto de certa solenidade. É fadiga: o peso de cada equipamento regula por sete quilos! Não se pode dizer que o seu uso seja supérfluo nem injustificado

O advento do «rugby» data de 1823, quando o estudante William Webb Ellis, «desdenhando magnificamente as regras do jogo da bola, em vigor no seu tempo, correu com o esférico nos braços» e deu origem a uma modalidade nova, que tomou o nome da universidade em que era aluno.

Em 1875, inaugurou-se nos Estados Unidos, depois de uma excursão levada a efeito pelos estudantes de Harvard, ao Canadá, o novo desporto. Insatisfeitos ou levados pelo entusiasmo, os universitários americanos modificaram o novo desporto a tal ponto que hoje podemos considerá-lo distinto daquele que lhe deu origem.

Collegiate Football, o futebol inter-escolar, é quase exclusivamente praticado nos estabelecimentos de ensino, segundo o espí-



o jogador faz o monges, diz o antigo. Aqui está a indumentária completa do futebolista universitário: botas, peiças, calções — com joelheiras de couro — ligaduras para os tornozelos, cinta de protecção dos quadris, casaca, calças, ombreiras de alumínio e couro, e capacete. Resumo: autêntica armadura guerreira, estilo Século Vinte!



Cada jogador utiliza três pares de botas: um para treinos, outro para desafios em tempo seco e outro para terreno enlameado ou chusoso. Antes de atar o botim, colocará no tornozelo uma ligadura elástica, de protecção

BRAGA

passou EM SETÚBAL

O desafio disputado em Setúbal teve como características a energia, a vontade e a fé que ambas as equipas puzeram na luta, mas o Sporting de Braga revelou melhor organização.

A esquerda, Cesário defende uma bola alta, erguendo bem os braços e Daniel está atento ao lance. A direita, os setubelenses atacam sem êxito.



Fotos MARQUES DE CARVALHO



SEGUNDA DIVISÃO

UNIÃO 6—NAVAL 1

Para a Segunda Divisão do Campeonato Nacional mediram forças, em Coimbra, o União e a Naval da Figueira da Foz, duas equipas que costumam bater-se com galhardia. O União de Coimbra levou a melhor. Reproduzimos duas boas fases da partida



FARENSE 1—L. DE ÉVORA 0

Disputou-se em Setúbal o jogo de passagem para a Segunda Divisão entre o Lusitano de Evora, cuja fotografia publicamos, e o Sporting Farense, vencendo este à justa, por 1-0, após uma partida renhida e que teve fases de bom futebol. Os concorrentes, tanto vencedor como vencido, portaram-se bem!



Fotos BIVAR

12.º CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS

1—O tenente Cruz Azevedo, no «Roma», com o qual venceu a «Taça José Florindo de Oliveira». 2—O major Helder Martins no «Optus», vencedor do «Grande Prémio de Cascais e da prova de «Regularidade». 3—O capitão Corcêia Barrento no «Alcoa», foi o vencedor da «Prova de Caça». 4—O sr. general Manuel Latino entrega ao major Helder Martins o Grande Prémio de Cascais que este ganhou com invulgar brilho



4



3



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

Em Inglaterra

A nona jornada do Campeonato das Ligas, realizada no sábado passado, foi um dia cheio de surpresas, em especial na 1.ª Divisão, onde se produziram nove empates num total de onze desfechos. Só o Preston N. End, vencedor do Chelsea (3-2), e o Stoke City, ganhando ao Middlesbrough (3-0), conseguiram escapar à fatalidade.

Os grupos que jogaram em sua casa sofreram enorme decepção, pois, de 44 jogos, 19 foram empates e 11 derrotas.

O Bury continua à frente da 2.ª Divisão com 14 pontos, mas perdeu o primeiro desafio da temporada, com o Tottenham, por 3-0. Em vista disso, os únicos clubes que não contam derrotas são o Portsmouth, leader da 1.ª Divisão, o Derby, segundo, Hull e Roitharham.

Tanto o Derby como o Ports, tiveram de batalhar para saírem com brilho.

À frente da classificação seguem os clubes seguintes:

1.ª Divisão: Portsmouth (15 pts.); Derby C. (13 pts.); Birmingham, Sunderland e Newcastle (12 pts.)

2.ª Divisão: Bury (14 pts.); Southampton, Tottenham (12 pts.); Leeds U. (11 pts). Resultados da jornada:

Aston Villa e Huddersfield (3-3); Bolton e Blackpool (2-2); Burnley e Birmingham (2-2); Charlton e Newcastle (0-0); Everton e Liverpool (1-1); Manchester C. e Portsmouth (1-1); Sheffield e Manchester U. (2-2); Sunderland e Arsenal (1-1); Wolves e Derby (2-2).

Houve dois recordes de entradas: 78.599 espectadores em Goodison Park, para ver jogar Everton, e 64.436 em Roker Park para presenciar o trabalho do Arsenal.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

BOXE

Cerdan perde um título

A Federação Francesa de Boxe declarou vago o título nacional de «médios», em poder de Marcel Cerdan, pelo facto deste jogador não haver combelido com o pretendente oficial, Krawczyk.

Esta resolução, indiscutivelmente regular segundo a letra dos regulamentos, é anti-desportiva, pois Cerdan está absorvido, por agora, com a disputa do campeonato mundial da citada categoria.

Clavel venceu Peyre

O científico italiano Egisto Peyre foi vencido por pontos, em Roma, submetido pelos punhos do jovem Manuel Clavel, um francês que progride. Peyre caiu por nove segundos durante o 3.º assalto e, depois disso, recuperou grande parte do alarzo pontual, mas não conseguiu anular a diferença por completo.

Dauthuille em cheque

Na cidade de Genebra, e no Palácio das Exposições, realizou-se um combate entre o difícil «médio» Dauthuille e Jean Sock, ambos franceses. Depois de dez assaltos encarniçados o árbitro declarou o match nulo.

Minelli triunfa

Em Florença (Itália), Aldo Minelli, irmão de Livio, derrotou por pontos o francês Jean Julien. O vencedor já esteve em Portugal, onde bateu Jorge Larsen com brilhantismo.

NOTA DA SEMANA

Os japoneses têm demonstrado que rivalizam com os melhores nadadores de toda a Europa e, até, que os sobrepõem algumas vezes. Ainda estará presente, na memória do leitor, a renúncia dos triunfos alcançados pelos concorrentes nipônicos aos Jogos Olímpicos de Los Angeles e de Berlim, para que valha a pena trazê-los a lume, novamente.

Pois o Japão, à semelhança do estudante negro cujos progressos causaram o espanto caseiro do marechal de MacMahon, continua na vanguarda dos desportos aquáticos e a merecer a admiração de toda a gente. Em Osaka, um jovem atleta, Hiroshin Furuhashi, que se revelara há poucos meses percorrendo 400 metros (estilo livre) em 4 minutos 33,4 segundos — o melhor resultado mundial de todos os tempos — ultrapassou agora as esperanças mais animadoras, que os compatriotas depositaram nele, vencendo a distância de 800 metros em 9 m. 41 s., resultado superior aos 9 m. 45,2 s. alcançados pelo referido desportista em Julho findo.

Sucede, todavia, um facto triste, em flagrante contraste com a universalidade que se reconhece aos desportos e que é um dos seus atributos mais tenebráveis: o Japão, porque saiu vencido no último conflito bélico com a América, deixou de pertencer à Federação Internacional, e os recordes batidos ou iguados pelos seus atletas não podem ser considerados nem admitidos.

Outrotanto sucede com alemães, mas a Itália, Austria, e Finlândia foram generosamente excluídas da expulsão infamante, que os organismos internacionais executaram. Este aspecto parcial do mesmo delicto é demasiado grotesco para que valha a pena submetê-lo à crítica severa e justa. Se o Desporto não estivesse acima de todas as paixões e ressentimentos — de índole política, religiosa ou racial — perdia a maior das suas virtudes, e passava a ser mais uma arma ao serviço do desentendimento, contra a fraternidade entre os povos.

Os veteranos também têm a sua hora de glória para atestar à juventude que estão presentes e conhecem a de que o peso da idade nem sempre constitui um fardo inamovível. O atleta norte-americano John Kelly, que já celebrou quarenta e uma primaveras e esteve nos Jogos Olímpicos de Londres, ganhou agora, brilhantemente, a corrida de Maratona dos Estados Unidos, percorrendo 42 km 185 no tempo magnífico de 2 horas 48 minutos e 33 segundos. O corredor que chegou em segundo lugar gastou mais onze minutos a cortar a meta, apesar da sua mocidade lhe consentir maiores esperanças e energias.

Estas corridas intermináveis, cuja lembrança basta, por si só, para afligir a imaginação mais tacanha e a vontade mais sólida, carecem de mérito desportivo. Em contra partida, valem como espectáculo violento e arrastam consigo um cortejo de horrores e misérias.

Na Olimpíada de 1904, em S. Luis (E. U. A.), houve um corredor, Bill Garcia, que tombou inerte a oito milhas da chegada e foi salvo milagrosamente da morte. Diagnosticaram uma hemorragia abdominal causada pelo esforço.

Em 1912, o nosso Francisco Lázaro morreu em Estocolmo, vitimado por uma insolação. Em 1924, quatro participantes abandonaram a prova, quase desfeitos, e outro chocou contra um muro de cimento, semi-cego, ficando muito confuso.

O suário é longo demais para se trazer a lume por agora, mas fique-se esclarecido contra o uso e abuso de corridas que demandam um esforço atlético fora da capacidade do organismo humano.

Há seres excepcionais, que podem suportar violências tremendas, independentemente da idade e da sua saúde aparente. Isso não constitui uma regra que adquira o carácter de lei. O atletismo, de que acima da milha só devem correr os cavalos, não é de todo descabido. Estende-lo até à légua seria ótimo precício, quanto mais não fora para reduzir o estímulo dos audaciosos, sem qualidades físicas para certos esforços.

Rafael Barradas

ATLETISMO

Suécia 138-Finlândia 76

No Estádio Olímpico de Helsínquia efectuou-se, na semana passada, o projectado desafio entre as equipas da Suécia e da Finlândia. O encontro, presenciado por 50.000 espectadores, terminou com uma returnante vitória dos visitantes por 138 pts. a 76.

Os finlandeses conseguiram dois triunfos, apenas: o lançamento do disco e o salto em comprimento.

O sueco Lundberg bateu o recorde europeu de salto à vara transpondo 4,32 m.

O finlandês mais brilhante foi o jovem Diniz Johansson, que obrigou o campeão olímpico Ericksson e o seu colaborador Persson a empregar-se a fundo, na corrida de 1.500 metros. O tempo do vence-

dor foi de 3 m. 49,2 s. Em segundo lugar ficou Persson, a dois décimos, e em terceiro, batendo o recorde da Finlândia, achou-se Johansson com 3 m. 49,6 s.

Checoslováquia, 96 — Bélgica, 80

Em Praga defrontaram-se as selecções destes países. O duelo Zatópek Gaston Relf terminou com a vitória do belga, que percorreu a légua em 14 m. e 19 s.

Nenhum outro resultado digno de registo se produziu, exceptuando o salto em comprimento, ganho por Fiksz com 7,41 m. que bate o recorde nacional da Checoslováquia.

O triunfo dos checos foi conquistado sem dificuldade.

MOSAICOS

nortenhos...

O PÚBLICO ESPERAVA

MELHOR...

A exibição do brasileiro Silva interessava muitíssimo ao público portuense. Assim, a despeito do interesse natural pelo jogo entre o Porto e o Belenenses, a exibição do novo recruta do clube campeão era aguardada com certa curiosidade.

Porém, o público parece não ter ficado totalmente satisfeito com o trabalho de Silva. Foi justo? Foi demasiadamente rigoroso? Em nosso entender, Silva é bom jogador de futebol, conhece bem os segredos da bola, mas... não estava em condições de agradar contra o Belenenses.

E' preciso ser moderado nas apreciações, e não é tarde para Silva se afirmar nos nossos campos.

Nós também preferimos esperar por mais uns desafios de «Cabeças» — nome da simpatia de Silva, a quem também eliminamos o «da...»

A EXIBIÇÃO DE ARAÚJO.

ENTRETANTO...

Para compensar a modestia do trabalho de Silva, há a referir a exibição perfeita de Araújo. O «internacional» do F. C. do Porto, em frente do Belenenses, exibiu toda a gama de passes, de remates e de «toques» dignos de um grande jogador. O público, que primeiro só olhava para Silva, viu-se a certa altura envolvido e cativado pela exibição do interior-direito do F. C. do Porto.

Se Silva não for o jogador que se esperava, é pena. Araújo, especialmente, deveria lucrar bastante com a presença de outro interior de boa classe.

OS ÚLTIMOS DESAFIOS

REVELAM O PORTO

EM FORMA!

O F. C. do Porto exibiu-se bem contra o Belenenses, a quem ganhou por 3-0, como é do domínio público. E' caso para perguntar: — mau conjunto no Belenenses, ou bom «time» no F. C. do Porto?

Tudo é arrojado, no princípio da época. Talvez nem o F. C. do Porto possua uma equipa de se lhe tirar o chapéu, nem o Belenenses um grupo tão mau como parece. Não julgou o público, e uma parte da crítica, que Sidónio possa ser o futuro condutor categorizado da sua equipa. Pelo que vimos, Sidónio poderia corresponder abertamente. Estamos por isso em desacordo com a maioria, cuja opinião é respeitável, evidentemente. Talvez dentro de pouco tempo Sidónio possa rectificar o seu trabalho — da Constituição — e nessa altura ver-se-á um pouco melhor...

na capital do NORTE

Um belo melhoramento...

TEMOS falado por mais de uma vez na modestia dos campos portuenses. Ainda recentemente o fizemos, e ainda no ano findo nos referimos também aos maus balneários do Estádio do Lima.

Pois hoje cabe-nos a vez de louvar o Académico Futebol Clube, proprietário do Lima, que resolveu reformar por completo os anti-quados e inúteis balneários que possuía, substituindo-os por outros amplos, modernos e arejados.

É uma bela obra e que há muito tempo se impunha. A' frente do Académico F. C. está uma Direcção dedicada, como toás as anteriores, evidentemente, e anima-a o firme desejo de colocar a sua agremiação no lugar a que tem direito.

Desejamos, com a melhor sinceridade, que os nossos clubes progriam; por isso, temos alegria em comunicar esta boa iniciativa do clube alai-negro. E que seja possível a imitação do que é bom, para bem da nossa organização desportiva, carecida de se meter dentro de normas regulares e progressivas.

Não deixaremos nunca de insistir neste ponto, por ser viável como poucos, talvez como nenhum. Não aborreceremos, mas que nos desculpem a teimosia: — enquanto o Norte não tiver campos condignos, salaremos sempre, sempre, pelo menos até se fazer alguma coisa de útil...

Curiosidades...

O jogador Silva colocou a Direcção do F. C. Porto à vontade quanto à sua entrada na equipa. Mas ainda não pôde alinhar oficialmente.

♦ Ao casamento do jogador Barrigana assistiram muitos desportistas e atletas. O «acontecimento» despertou certo interesse, na capital do Norte.

♦ O F. C. Porto tem mais ou menos combinada a visita do F. C. Barcelona, pensando-se também na retribuição dos portuenses à capital da Catalunha.

♦ Ainda se espera pela chegada de um jogador argentino. Também se sabe que Scopeli ficará no F. C. do Porto, devendo o contrato ser assinado esta semana.

Assistência ao jogador

Há um jogador do F. C. Porto que está em precárias circunstâncias. De ordem física. Este elemento, colocou-se apenas há um ano ao serviço do clube campeão do Norte. Porém, numa atitude louvável, o F. C. Porto tratou de mandar o seu atleta para uma casa de saúde em Lisboa, disposto a fazer tudo pela completa valorização do simpático moço.

É uma atitude que merece a nossa simpatia. Nem tudo se perdeu. Alguns dos nossos melhores clubes sabem tratar dos seus rapazes, dos melhores praticantes e defensores. Esta atitude do F. C. Porto, na verdade, é digna de todos os elogios, e temos a certeza absoluta de que o seu atleta reaparecerá brevemente, tratado, útil para a vida e para o desporto.

E de todas as maneiras, que se salve alguma coisa. Que se salve a boa doutrina — que ensina os clubes a cumprir com os seus deveres quando é preciso.

O atleta, amanhã, saberá corresponder, agradecendo tudo quanto fizeram por ele!

MOSAICOS

nortenhos...

QUATRO DEFESAS PARA

O QUE DER E VIER...

O campeão do Norte não está mal fornecido de jogadores. Na baliza — Barrigana e Valongo; na defesa — nada menos de quatro homens: Vitor Guilhar, Alfredo, Vergílio e Francisco. A escolha será difícil, pelo que se presume. Pode anotar-se a bela subida de categoria de Vergílio, um moço enfiado e aplicadíssimo, daqueles que tudo fazem para ganhar o grupo de honra. Vergílio é um rapaz curioso, dos que vibram durante o jogo, e se trabalhar como até aqui será muito capaz de triunfar a valer.

Quanto a Alfredo, continuamos a julgá-lo um elemento admirável para o centro da defesa, caso Francisco ou Guilhar estejam ausentes. De qualquer modo, o F. C. do Porto possui 4 bons defesas. Mas às vezes é pouco...

UMA CAMPEÃ NACIONAL

DE NATACÃO NO PORTO!

Parece impossível mas é verdade. O Porto, sem piscina, sem organizar as suas provas de natacão, conseguiu um campeonato nacional feminino, por intermédio da atleta do F. C. do Porto, Maria Aliria Fiel!

O caso merece realmente alguns comentários. Por esta prova da nadadora do F. C. do Porto, verifica-se facilmente que os portuenses podem ser tão bons como os outros, em natacão.

Para isso, porém, é necessário que a iniciativa particular ou oficial seja um facto e passe a servir devotadamente os atletas da capital do Norte. A vitória da simpática nadadora do F. C. do Porto, e ainda a forte afirmação das suas possibilidades, criaram no espírito dos desportistas a certeza de que tudo se resolveria se a boa vontade acompanhasse uns e outros.

Felicitemos, por isso, a nadadora Maria Aliria Fiel pelo seu admirável triunfo. E façamos votos por outras vitórias suas — para servir de estímulo honroso.

PORTUENSES
assinem a **STADIUM**



Uma defesa apertada do espanhol Callejas que tira a bola da cabeça de um adversário que, pleno de fogaçidade, ataca



Fotos HERMANN

O guardaredes de Elvas atacado por Vieira, livra-se ágilmente de apuros



F. C. DO PORTO

DERROTOU UM ELVAS
QUE SOUBE BATER-SE

1 — O guardaredes do Porto, Barrigana, executa facilmente uma defesa; 2 — Um atacante de Elvas remata de cabeça, mas sem proveito

TORNEIO INTERNACIONAL DE TÊNIS



A temporada internacional de ténis de 1948 começou bem, nos courts do Estoril, participando tenistas belgas, holandeses e um inglês. À esquerda, apresentamos a holandesa Nel Hermesen que venceu Peggy Brixhe por 7/6, em match exibição. À direita, José Roquete que obteve uma excelente vitória sobre Van den Eim

ACADÊMICO VENCEU SANJOANENSE

O guardaredes do Académico, em estilo impecável, defende a sóco



**PNEUS
E
CÂMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFATURA NACIONAL
DE BORRACHA**

